

ENTRE A PESQUISA E A ESCOLA: DIÁLOGOS ENTRE PESQUISADOR E COLABORADOR

Gabriela Nobre Bins

Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS

E-mail: ganobre@hotmail.com

Márcio Malavolta

Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS

E-mail: marciomalavolta@yahoo.com.br

Este trabalho é uma reflexão sobre as aproximações entre a pesquisa e a escola, sobre os reflexos das pesquisas realizadas na escola e a prática pedagógica dos professores. É uma reflexão também dos sujeitos que pesquisam e são pesquisados. Ambos os autores desse trabalho já estiveram em algum momento no papel de pesquisador e também de colaborador de pesquisa e procuram perceber o movimento entre os saberes e o transitar entre pesquisador e pesquisado.

Muitas pesquisas já foram realizadas na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, em diferentes áreas e por diferentes grupos, mas nem sempre o resultado dessas pesquisas retorna para a escola. Isso acaba fazendo com que alguns professores não queiram participar de pesquisas e produzam falas como: “eles vêm aqui nos usam depois vão embora e nós ficamos aqui tendo que lidar com a mesma realidade...”. Essa fala é legítima, mas ela não valoriza um retorno importante da pesquisa que são as relações que ela estabelece na escola, as trocas diárias que acontecem entre pesquisador e pesquisado.

Nesse sentido, pretendemos problematizar as relações entre pesquisador e pesquisado, além disso, discutir o que é o retorno de uma pesquisa para a escola. Podemos entender que o retorno de uma pesquisa para o espaço da escola em que ela ocorreu significa apresentar resultados. No entanto, precisamos olhar e escutar as transformações, as múltiplas aprendizagens que acontecem entre os atores envolvidos na pesquisa, nos acontecimentos e sentimentos.

Portanto, estamos lançando um olhar sobre a pesquisa e seus efeitos no cotidiano do ensino e aprendizagem na escola, suas possibilidades e limites, seus alcances a partir de uma pesquisa realizada na rede municipal de Porto Alegre em que pesquisadora e pesquisado puderam transitar por diferentes saberes e lugares. Segundo Pesce (2012), fazer pesquisa representa a possibilidade de trazer novas informações e estratégias para sala de aula, além de poder representar mais autonomia para o docente.

O primeiro desafio do professor pesquisador que chega à escola para realizar sua pesquisa é tornar estranho o que lhe é familiar. Buscar o estranhamento em algo que lhe é familiar é uma das premissas da antropologia urbana (Velho, 1980), então o pesquisador precisa buscar esse estranhamento a todo o instante. Precisando fazer uma vigilância epistemológica e desnaturalizar o que para ele era natural, procurar nas falas dos colegas os discursos à que eles estão engendrados e o que é inédito. Esse exercício de distanciamento se estende também a sua prática enquanto docente, o que permite um olhar de estranhamento para sua própria aula fazendo com que surjam reflexões que antes passariam despercebidas. Pesquisar a escola para um professor pesquisador permite que desde os primeiros passos na pesquisa faça com que ele já reflita, para além das questões propostas na sua investigação, sobre a sua própria prática docente.

Sendo assim, pesquisador e pesquisado transitam por caminhos com linhas muito tênues, linhas que se atravessam e se borram a todo o momento entre as falas e as práticas, o que já está naturalizado e o que vai sendo construído nesse

VI Fórum de Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

III Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física



A Pós-Graduação na Educação Física e a Educação Básica Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016

**ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS**



VI Fórum de Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

III Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física



A Pós-Graduação na Educação Física e a Educação Básica Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016

ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS

processo de pesquisa e o cotidiano da escola. O professor que está nesse momento no lugar de quem está sendo pesquisado é observado, mas também é observador, gera expectativas e tem olhares sobre o que a pesquisa realiza no ambiente da escola, sendo assim, as relações de sujeito de pesquisa e de pesquisador transitam, quem observa e pesquisa também é observado e pesquisado.

A possibilidade de estar pesquisando, refletindo sobre uma realidade muito próxima a sua, vivenciar a experiência de outro colega e depois voltar a sua realidade revisitando a sua própria prática pedagógica é um grande aprendizado e vai trazendo modificações nas ações do dia a dia do professor pesquisador. Assim como a experiência de ter alguém pesquisando nossa prática nos faz também olhar com outros olhos e possibilita uma troca intensa que incentiva a reflexão sobre a mesma.

A pesquisa na escola pode ser percebida aqui em sua complexidade que segundo Morin, é aquilo que é tecido junto, aquelas questões que não podemos separar, sendo assim pesquisador e pesquisado são atravessados pelos acontecimentos construídos na prática do cotidiano escolar e nas discussões com embasamento teórico, trazidos pelo pesquisador e pelo colaborador. Pensando construções possíveis, o que pode vir à ser na pesquisa no ambiente escolar começamos essa problematização sobre as mobilizações entre pesquisador e colaborador.

Palavras-chave: Pesquisa; escola; colaborador

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PESCE, Marly Krüger de. Professor pesquisador na visão do acadêmico de licenciatura. ANPED SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul, [S.n.], 2012.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua própria cidade: Sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (Cord.). **O desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1980.

